

Historia:

Espaços,
poder,
cultura e
sociedade

2



Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)

Atena
Editora
Ano 2021

Historia:

Espaços,
poder,
cultura e
sociedade

2



Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)

Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Daphynny Pamplona

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

História: espaços, poder, cultura e sociedade 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Bruno Oliveira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadoras: Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História: espaços, poder, cultura e sociedade 2 / Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do Espírito Santo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-621-5
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.215211811>

1. História. I. Pereira, Denise (Organizadora). II. Espírito Santo, Janaína de Paula do (Organizadora). III. Título.
CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

O trabalho de pesquisa em história e ciências humanas busca, de maneira geral avançar, de maneira constante e perene sobre o entendimento das pessoas, suas vidas, aspirações, anseios e comunidades. Ao longo dos anos, a produção de conhecimento na área tem aprofundado seu entendimento das diferentes tramas e possibilidades que movimentam a sociedade, sua formação, desenvolvimento, seus conflitos e crises. Assim, algumas categorias, como o entendimento do espaço como uma unidade explicativa e organizacional da sociedade aparece com mais frequência, na tentativa de entender o impacto que os grupos sociais sofrem na construção espacial de suas identidades.

Da mesma maneira, a noção de poder está bastante presente. A historiografia se estrutura, classicamente, acompanhando as estâncias de poder formais, governantes e reis. Entretanto, hoje podemos observar esse conceito e suas possibilidades de maneira mais complexa, entendendo o poder, também como unidade explicativa, como construção social, em suas diferentes facetas e manifestações.

De fato, é no reconhecimento das pluralidades que mais se tem avançado, ultimamente, pluralidade essa que se revela, tanto na sociedade globalizada, com sua velocidade de produção e circulação de informações quanto às possibilidades da construção do conhecimento. Ao mesmo tempo, ampliam -se consideravelmente as perspectivas de diálogo entre História com diferentes campos do conhecimento como Sociologia, Antropologia, Geografia, Política, Educação, Religião, Literatura, Museologia, Arquitetura e Arte. Estudar a sociedade por essa multiplicidade de olhares que se apresentam para a sociedade nos dias de hoje, em seus espaços de cultura e poder, e em todos os caminhos que se possam avançar na construção dos saberes, é um dos grandes objetivos das ciências humanas.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Janaína de Paula do E. Santo


SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A ARTE CEMITERIAL: PATRIMÔNIO CULTURAL MATERIAL DE BAURU

Jéssica Chabaribery Ferreira

Fábio Paride Pallotta


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2152118111>

CAPÍTULO 2..... 11

CONSTRUÇÃO DA FEDERAÇÃO DE SINDICATOS DE TRABALHADORES EM UNIVERSIDADES PÚBLICAS NO BRASIL E A ARTICULAÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DA ENTIDADE INTERNACIONAL - CONTUA

Rogério Fagundes Marzola

Maria do Socorro Oliveira Marzola

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2152118112>

CAPÍTULO 3..... 22

ENTRE A HISTÓRIA E A GEOGRAFIA NO SANTUÁRIO DE APARECIDA: NOTAS PARA UMA LEITURA DO ESPAÇO URBANO E DO TURISMO RELIGIOSO

Ana Maria Cardachevski

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2152118113>

CAPÍTULO 4..... 35

JOAQUIM SALDANHA MARINHO E O PROJETO DE BRASIL MODERNO

Renata Ribeiro Francisco

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2152118114>


CAPÍTULO 5..... 46

NAS MÃOS DO TIO SAM: AS CONTINUIDADES E RUPTURAS DA PARTICIPAÇÃO ESTADUNIDENSE NOS GOLPES DE 1964 E 2016 NO BRASIL

Antônio Carlos Cabral de Medeiros

Bianca Gisele Pinheiro do Nascimento

Luiz Alberício de Araújo Neto


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2152118115>

CAPÍTULO 6..... 59

O INDIVIDUAL E O SOCIAL: NELSON DE PAULA NETO E O CORONELISMO

Rodrigo Guimarães Motta


Luciano Antonio Prates Junqueira




 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2152118116>

CAPÍTULO 7..... 74

PANDEMIA DO CORONAVÍRUS NO CONTEXTO INTERÉTNICO: ENTRE PERMANÊNCIA E RUPTURA DO SISTEMA, VALORES E HUMANIDADE

Tadeu dos Santos Kaingang

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2152118117>

CAPÍTULO 8	92
REDES SOCIAIS E RELAÇÕES DE INTERDEPENDÊNCIA ENTRE ESCRAVIZADOS E LIVRES NO SUL DA AMÉRICA PORTUGUESA	
Israel Aquino	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2152118118	
CAPÍTULO 9	105
UM CAPÍTULO NA HISTÓRIA DO DIREITO URBANÍSTICO BRASILEIRO: ALCIDES CRUZ	
Luís Fernando Massonetto	
Guilherme Ricken	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2152118119	
CAPÍTULO 10	116
VOZES D'ÁFRICA: A VOZ DA RESISTÊNCIA DE CASTRO ALVES AO <i>SLAM</i>	
Vitória Maria Sá da Silveira	
Débora Cristina Santos e Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.21521181110	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	129
ÍNDICE REMISSIVO	130

PANDEMIA DO CORONAVÍRUS NO CONTEXTO INTERÉTNICO: ENTRE PERMANÊNCIA E RUPTURA DO SISTEMA, VALORES E HUMANIDADE

Data de aceite: 01/11/2021

Tadeu dos Santos Kaingang

Doutorando. Universidade Estadual de Maringá (UEM)

RESUMO: Este estudo busca respaldar a doença covid-19, articulando-a na dimensão teórica que envolve a história, arte e suas relações entre oralidade e imagem, por meio de referenciais teóricos relacionados às teorias da etnicidade, ao interculturalismo e com base na interpretação hermética sobre os sistemas de signos em espaços de singularidade em suas práticas coletivas e duas vertentes: a que traz intencionalidade eurocentrista, e também nos estereótipos que configuram na reprodução dos artistas: Johann Motriz Rugendas, Jean Baptiste Debret e Joaquim José de Miranda. Outrossim, nos mitos indígenas de origens dos relatos históricos na iconografia do Invisível e memória das narrativas imagéticas acerca da arte xamã, dos grupos étnicos específicos, tais como: povo Yanomami, por meio de Davi Kopenawa, o povo Desana do Alto Rio Negro tendo como líder Feliciano Pimentel Lana, os Jê do Sul tendo como artista Vângri Kaingang e Carlos Almir Goj Je Gitoto, ambos do povo Kaingang do estado do Paraná. A pesquisa demonstra que a cultura não se reduz a língua, mas o meio pelo qual é composta a linguagem; esta que engloba além dos indivíduos, o meio ambiente que os cerca. Por conta da pandemia acometer cada vez mais

peças dia após dia nos centros urbanos, a população da zona rural em especial a indígena, se sente vulnerável por conta da carência de informação e materiais referentes à higiene e prevenção da doença. É preciso refletir acerca da atual pandemia e o impacto causado nas comunidades indígenas. Mais do que isso, buscar soluções e/ou meios para evitar a contaminação nestes grupos étnicos, pois a doença em estudo pode levá-los à extinção.

PALAVRAS-CHAVE: COVID-19, Artista Xamã, Historiografia, Narrativa.

CORONAVIRUS PANDEMIC IN THE INTERNET CONTEXT: BETWEEN SYSTEM STAY AND RUPTURE, VALUES AND HUMANITY

ABSTRACT: This study seeks to support the covid-19 disease, articulating it in the theoretical dimension that involves history, art and its relations between orality and image, through theoretical references related to the theories of ethnicity, interculturalism and based on interpretation hermetic about the systems of signs in spaces of singularity in their collective practices and two aspects: the one that brings Eurocentric intentionality, and also in the stereotypes that configure in the reproduction of the artists: Johann Motriz Rugendas, Jean Baptiste Debret and Joaquim José de Miranda. Furthermore, in the indigenous myths of the origins of historical reports in the iconography of the Invisible and memory of the imagery narratives about shaman art, of specific ethnic groups, such as: Yanmoami people, through Davi Kopenawa, the Desana do Alto Rio Negro having as leader Feliciano

Pimentel Lana, the Jê do Sul having as artist Vāngri Kaingang and Carlos Almir Goj Je Gitoto, both of the Kaingang people of the state of Paraná. The research demonstrates that culture is not reduced to language, but the means by which language is composed; this which encompasses, besides those belonging, the environment that surrounds them. Due to the pandemic affecting more and more people day after day in urban centers, a rural population, especially indigenous people, feels vulnerable due to the lack of information and materials related to hygiene and disease prevention. It is necessary to reflect on the current pandemic and the impact reflected on indigenous communities. More than that, look for solutions and / or means to avoid contamination of ethnic groups, because the disease under study can religion them to extinction.

KEYWORDS: COVID-19, Shaman Artist, Historiography, Narrative.

INTRODUÇÃO

Ao analisarmos a pandemia esta que se início de 17/03/2020 com isolamentos e os primeiros caso de infestação e sua escalada que repercutiu em muitos óbitos até chegada da vacina que marca a primeiras pessoas a ser vacinada em 17/01/2021 deste saldo serviu para destacar que os ser humano deve buscar pensar o modelo DES-envolvimento, para mais envolvimento, por que tivemos que isolarmos para percebemos que a humanidade deve cuidar da terra, o nosso lar. Somos 7,79 bilhões de pessoas em 2020, em total vulnerabilidade global por conta da Covid-19.

Este artigo foi pensado na sua primeira versão em **15/10/2020**, um momento de comoção mundial com a evolução do quadro pandêmico¹. Conforme novas atualizações os números foram desenhados em novas paisagens históricas. E nele o mundo encantava-se com 45.476.000 infectados e 1.187.014 vieram aóbitos, no Brasil esse número foi de 5.191.000 infectados e somou em 160.000 mortos; dados da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) leitura realizada em 30/10/2020.

Em novas leitura realizada em 15/01/2021, temos no mundo 91.816.091, infectados com 1.986.871 óbitos, no Brasil chega a 8.326.150 infectados e somam em 207,160 mortos; dados da (OPAS, 2021).

Em outra leitura em 25/01/2021, os dados no mundo 99.056.917, infectados com 2.125,917 óbitos, no Brasil chega a 8.816,254 infectados e somam em 216,445 mortos; dados da (OPAS, 2021).

Para escabecearmos uma reflexão segunda informações de Marta Maria Azevedo, ex-presidente da Fundação A autora mostra uma projeção de 11 anos, a partir de censo de 2010, no Basil a população estima em 213,356 milhões de brasileiros, tendo em vista que os povos indígenas também cresceu consideravelmente à cerca de 1,3 milhão de indígenas, comparada que em 2010 este cenário estimava em 190.755.799 milhões de pessoas no Brasil, deste montante 0.4% povos indígenas 896.917 de indígenas no Brasil.

¹ Disponível em: https://www.encontro2020.pe.anpuh.org/resources/anais/22/anpuh-pe_eeh2020/1600532739_ARQUIVO_5388d793a48fac64ede80d2ea5509058.pdf acesso em 18/01/21

Mas se consideramos os 5.570 municípios da federação possamos analisar uma projeção dessa população se consideramos que sua construção pode vir a ser da autodeclaração indígenas para cada cidade do Brasil.

Essa população teria uma projeção muito maior que os dados estatísticos que considera apenas taxas de natalidade de indígena nascidos em zona urbana e da zona rural.

Deste montante étnico estamos testemunhados que a taxa de mortalidade alertou devida a pandemia que trouxe risco eminente a população que foi comprovada sua vulnerabilidade. A população indígena mais susceptível a contaminação os indígenas que estão na cidade e os que vivem espaço aldeados mais afastado dos centros urbanos.

Temos dados em escala global e brasileira e dos povos indígenas entre caso contaminados e os números de óbitos que buscamos repercutir as análise.

Os indígenas que pertencentes a grupos étnicos diversos já chegam a aproximadamente na escala dos **923** óbitos, são 45.161 casos confirmados releitura realizada em **25 /01/2021**, tendo em vista que esses dados continuam a mudar 46,677 infectados para **932** óbitos, em seu alcance é de 161 povos diversos, a maioria residindo em terras indígenas.

A pesquisa realizada em **26/02/2021**, os números continuam crescendo 112.553.181 de contaminados no mundo, e 2.497.46 que foram ceifadas suas vidas no mundo. No Brasil temos 10,390,461 infectados com baixa de 251,498 mortos e relação população indígenas 49,540 casos confirmados com **973** óbitos aumentado seu alcance para 162 grupos étnicos.

Atualizando dados em **19/07/2021** apesar de computáramos informações sobre a vacina, no mundo foram vacinados 3.656.657,370 pessoas, temos que considerar a contaminação não parou e estima que dos 190,526,225 contaminados e 4.091.672 morte e no Brasil. Infelizmente os números passaram para o dobro segundo a último levantamento. Estima que no momento temos 19.376.574 casos de contaminados e 542.214 mortes. Em relação as populações indígena a curva ainda é ascendente entre 57.025, casos de contaminados e **1.135** que viveram a óbitos em um alcance de 163 povos indígenas quase 10% da população indígena.

Aproximadamente 1.300.000 indígenas entre os que vivem em terras indígenas, e cidade, eles representam os 305 grupos étnicos em sua diversidade das 274 línguas indígenas existentes no país.

Neste cenário; o covid-19 continua alastrando, mesmo com uma pequena parcela da população vacinadas, que iniciou em 17 de janeiro de 2021.

A campanha de imunização da população indígenas e os servidores de linha de frente, o que parece ser uma alívio com chegada das vacinas nas terras indígenas. Mas que devemos ficar alerta pois uma variação do vírus tem deixado a população apreensiva nas comunidade indígenas; SARS-CoV-2, entre as demais variantes como de Manaus, do Rio de Janeiro e a classificada (Variant of Concern ou VOC, na sigla em inglês).

Este vírus tem sua mutação e se divide em diferentes grupos genéticos ou classificado internacionalmente, segundo informações do Comitê Nacional de Vida e Memória Indígena, Organizações indígenas de base da APIB, frentes de enfrentamento à COVID-19, SESAI, Secretarias Municipais e Estaduais de Saúde e Ministério Público Federal.

O número contaminação tem um crescimento vertiginoso e neste momento difícil no Brasil que vimos muitas mudanças no comando do ministério da saúde, que escancara a fragilidade no combate a pandemia. O mundo recebe as denúncias sobre do governo omissos ao fazer espalhar o vírus em todo país. É escancarado sua estratégia em que este governo se mostrou ineficiente nas testagens em massa em todo o país. Sobre o contexto indígena, a disparidade significativa estarmos diante de mais um genocídio em curso.

Historicamente o etnocídio, que se desdobra no genocídio, diante da morbidade massiva utilizada nos aparatos de poder do Estado. Testemunhamos um cenário em que o Governo, nega como nega a ciência, e fica evidente sua frágil política sanitária ao cuidado com a vida humana no que se refere a população brasileira em específico sobre diversidade étnica do país.

Envolvem refletirmos outros campos; observamos a cultural e da vida do indígena, em risco ao afetar a saúde isso também faz convalescer sua força, sua cultura e cosmovisão. Nitidamente vimos violação de direitos humanos em suas maneiras de existir.

O que verifica que a pandemia mostra no país sua curva crescente os números de casos confirmados e a quantidade massivas que vem a óbitos em **19/07/2021**. Continua sendo os espaços urbanos maiores e da que os da zona rural sabendo que o aspecto da vulnerabilidade dos povos indígenas é muito maior.

Propõe-se neste estudo uma análise dialógica em história e arte articulando oralidade e imagem, tendo como foco os seguintes povos indígenas: Yanomami, no Amazonas e em Roraima, com 25,7 mil habitantes, o povo Desena com 2.361 mil indígenas e o povo Kaingang, com população estimada em 37.470 mil indígenas, dos quais, 31.814 indivíduos vivem em terras indígenas no Sul do Brasil (IBGE, 2010).

DESENVOLVIMENTO

Para Carlos Miranda, no seu estudo em historiografia, *A arte de curar nos tempos da colônia: limites e espaços da cura*, traz uma compilação de informações a respeito das impressões dos viajantes acerca das trilhas dos “séculos XVI, XVII e XVIII, onde inúmeras doenças por exemplo: sífilis, varíola, tuberculose” marcaram o Brasil colônia, por conta do contato que os habitantes tiveram com franceses, holandeses e portugueses.

A demarcação de fronteiras naquele período que era movida à interesses econômicos pelos europeus o que levou a transformações que consistiram na civilidade da população sertaneja (MOTA, 1994 p 39-42).

O historiador pode traduzir em suas análises leituras de realidades que são ficções,

armadilhas, menos positivistas cheias de certezas e ambivalências e pode borrar a linha de certeza. Isso é romper com o excesso de coerência de discurso histórico, ou seja, repetir o silêncio por que a história é circulação das tensões entre as partes. Thompson (1998) orienta que não é possível alcançar a totalidade. Por isso descartou elementos discrepantes de sua análises.

Na imagem que constrói narrativas por exemplo do colonizador que instala suas estruturas do estrangeiro que pede licença ao adentrar na casa alheia como na pintura de Meireles.



Figura 1: Vitor Meirelles. Primeira missa. 1860. Pintura óleo sobre tela, 268 x 356 cm.

A iconografia retratada por Victor Meirelles tem como base a carta de Caminha que descreve como teria sido a primeira missa no Brasil. Sua obra traz uma narrativa imagética retratando a paisagem e o primeiro contato dos indígenas com o cristianismo por meio do olhar do artista.

Pesavento (2008) diz que a imagem se constrói a partir da recriação do real. A representação tem o real como referente em diálogo. Segundo Hatorg (2014), ela se consiste nisso como método indiciário.

O livro de Hans Staden (1595) traz desenhos e sua impressão de como o europeu enxergava os nativos. Sobre as enfermidades que abatiam os indígenas é importante salientar que os jesuítas o processo de cura na visão dos jesuítas se baseava em seguir os dogmas da igreja. As cerimônias de cura dos indígenas eram tidas como ofensas à Igreja, pois feria o que eles enxergavam como sagrado.

A doutrina da guerra justa gera inúmeras revoltas indígenas, concomitantemente é criado o governo-geral em 1548, que atendia às necessidades da Coroa portuguesa que tinha como objetivo colocar sob o seu controle as decisões políticas e administrativas tomadas no Brasil. Surgiu ainda nesse período a lei de 20 de março de 1570 de Sebastião I que declarou todos os índios livres, com exceção dos sujeitos à “Guerra Justa”.



Figura 2: Hans Staden. História Verdídica E Descrição De Uma Terra De Selvagens, Nus E Cruéis Comedores De Seres Humanos. 1595.

A relação de contato no início entre o colonizador e os indígenas era visto como uma atitude amistosa, entretanto, o indígena percebeu com o decorrer do tempo que essa relação trazia consigo doenças físicas, o que acabou gerando desconfiança e conflitos.

Entre os conflitos entre brancos e indígena, surgem as doenças infecciosas: como o sarampo, a varíola e a gripe; o que acaba resultando em milhares de mortes do povo indígena daquele período, esse processo de contágio continua nos dias de hoje escalonado agora por conta da Covid-19.

relatado em documentos historiográficos os impactos causados na população indígena acerca de práticas exóticas na confecção de adornos cerimoniais, estes cunhados durante embates muito violentos. Na região norte do país - durante o processo de colonização – os nativos criavam projetos artísticos usando uma linguagem artística e estética baseada na conexão com a espiritualidade, enquanto na região sul ocorria o processo urbanizatório pautado na exploração indígena. Neste sentido, foi criado um discurso ajustado em interesses políticos e econômicos perpetuando o poder do colonizador sobre o colonizado e o desmatamento da fauna. Atualmente esse discurso predomina, pois, estradas e hidrelétricas são construídos para desmatar florestas e muitos indígenas são vítimas de epidemias de malária anualmente.

De acordo com Miranda (2017) os relatos de Carl Friedrich Philipp Von Martius (1794-1868) trazem o motivo do colonizador enxergar o indígena com preconceito. Em seu estudo, o naturalista faz um relato esclarecedor sobre as nefastas consequências do afastamento dos índios do seu habitat:

Os brasis mostram-se logo incomodados e aborrecidos por tudo que os afetem de modo contrário à sua vida anterior; em breve definham em consequências

de profunda melancolia e desespero em que se acham; perdem o apetite e a agilidade dos membros; caem num abatimento geral, e quase sempre, acabam vítimas [de] diarreias coliquativas... Poucas semanas bastam para reduzir o índio mais robusto a um esqueleto, levando-o fatalmente à morte, se não voltar pela própria vontade, pelo auxílio dos companheiros [...] a sua primitiva liberdade nas matas (MIRANDA, 2017, p. 177).

Segundo Michael Pollak (1992, p.2), a memória é um fenômeno “construído coletivamente” de interpretações nas imagens que são texto visuais e a evocação destes. Os estudos de Paul Veyne (1983) servem de iconografia, onde temos traduções que abordam a vulnerabilidade dos nativos, registrando o impacto das doenças nos povos indígenas, a linguagem da narrativa é direta e mostra imagetivamente a representação dos sintomas da infecção de algumas doenças (VIDAL, 1992, p. 292).

Para Joana Overing, a função da arte para os aborígenes tem como objetivo representar as suas práticas coletivas (OVERING, 1991, p. 159) o historiador constrói, dessa forma, uma ponte para o diálogo estético envolvendo a historiografia. De acordo com Berta o processo artístico envolve uma transitoriedade de significados:

(...) arte poética porque, além da expressão plástica, literária ou musical, entranha um significado social e lírico. Nesse sentido, índios e camadas humildes da população, desdenhados desde sempre devido ao débil desenvolvimento técnico e econômico, passam a ser admirados por suas manifestações artísticas. No caso das populações indígenas, sendo a parcela mais frágil da sociedade nacional, o mais urgente é fortalecer o éthos tribal para que possam sobreviver fisicamente. Para isso é vital salvaguardar seus direitos e suas expressões culturais, dentre as quais a arte (BERTA, 2013, p. 173).

Bauman (2007), ao nos revelar que vivemos socialmente tempos “líquidos”, também enfatiza a questão da sociedade ser organizada em rede, a partir da contradição e da complementaridade entre conexão e desconexão no tecido social:

A sociedade é cada vez mais vista e tratada como uma “rede” em vez de uma “estrutura” (para não falar em totalidade sólida): ela é percebida e encarada como uma matriz de conexões e desconexões aleatórias e de um volume essencialmente infinito e de permutações possíveis (BAUMAN, 2007, p. 9).

O contato que se deu entre nativo e colonizador sempre foi marcado por eventos epidêmicos que surgiram com vinda dos europeus. O contato com a varíola em 1563, é citado em documentos sobre a historiografia da saúde e arcabouços teóricos, o fato dos indígenas obterem diversas doenças atualmente é reflexo histórico da forma desumana como estes eram tratados e por conta dos materiais que eram oferecidos em forma de pagamento, os quais eram escambos contaminados.

O povo indígena é visto pela sociedade de forma romantizada, além disso, abriu-se um abismo de esquecimento, uma grande perda da identidade do povo indígena, por conta dos emblemas e espaços que antes eram pertencentes a estes, por consequência este povo passou a vestir uma nova pele. Para os Kaingang que continua sendo um povo

com uma grande ancestralidade abarcada; algumas de suas práticas precisaram ser interrompidas como o caso do *Kikikoi* “culto aos mortos”.

A conexão com o mundo dos não vivos está relacionada à permanência da tradição deste povo, ao criar essa ruptura com essa lembrança a sociedade consequentemente perde a sua cultura. Albuquerque Junior complementa que:

Não podemos, no entanto, dispensar esse diálogo entre passado e presente. Ele é a base da vida, da narrativa e da constituição de memória. Sem ele, sepultaríamos qualquer reflexão sobre a história. A memória fortalece a relação entre as experiências e as sensibilidades construídas [...] Opondo às generalizações, questiona-se sobre o tempo, a história e a escrita, meditando acerca de um tempo presente sem ancoragens: Escrever história é também mediar temporalidades, exercer a atividade de tradução entre naturezas, sociedades e culturas de tempos distintos. Colocados nesta terceira margem da temporalidade, que é o presente, o historiador tem a tarefa de construir com sua narrativa uma canoa que possa mediar, fazer se tocar as margens do passado e do futuro (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p. 33)

Vale salientar que as instituições se apropriam dos conhecimentos étnicos destes indivíduos, esvaziando a possibilidade de afirmação da identidade étnico-cultural, perdendo dessa forma o sentimento de pertença de cada indivíduo a seu grupo. (BARTH, 1998, p. 191). Os significados culturais, dessa forma, são alterados (SAHLINS, 1990, p. 174). Eles existem nas fronteiras da singularidade que visa promover os aspectos das relações de trocas, “tentação do universal generalizante” (GLISSANT, 1997b, p. 130-131).

QUEM SÃO OS YANOMAMI DE DAVI KAPENAWA

Os Yanomami são os aborígenes que vivem das fronteiras pertencentes aos macro-jê do Brasil com a Venezuela, com uma população de cerca de 25,7 mil habitantes distribuídos entre 228 comunidades adaptadas, uma população crescente segundo dados do IBGE (2010).

A arte entre eles permite o diálogo entre os membros envolvendo narrativas históricas, além de, relações interétnicas sobre os Nanë. Para este povo toda “forma de agressão letal” está ligada à “forma de depredação” que desperta o espírito maléfico (xuukri), este que libera epidemias de doenças como: cirrose, diabetes, desnutrição.

As primeiras doenças datadas em registro nos habitantes da tribo são: sarampo, rubéola e escarlatina em 1958, estas que foram datadas pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI) e pela Câmara Brasileira de Diagnóstico Laboratorial (CBDL) em um documento do período de 30/05/1959.

Em 1970 houve a expansão da fronteira extrativista e da fronteira missionária no território Yanomami. Em 1973 deu-se início a abertura da BR-210, e por conta disso, tratores, escavadeiras, niveladoras e caminhões devastaram a mata, gerando dessa forma conflito entre os *Nepë* (militar). O exército apoiava a ação, mas não há dados disto nos

registros da Fundação Nacional do Índio (Funai) de Manaus (Farage, 1999, p. 6).

Em 1975, o projeto Radam, que teve amplo papel na divulgação de jazidas minerais no território Yanomami gerou auto índice de contágio de esta que foi trazida pelos garimpeiros durante o final dos anos 80 (CINTIA, 2015, p. 95).

A falta de precaução no sentido endêmico fez proliferar a transmissão de doenças a sucessivas epidemias de gripes, de sarampo e outras doenças que chegaram a porcentagens alarmantes de 11%. Esse número baseia-se em um levantamento da FUNAI de 1977.

Para Davi Kapenawa a cura está na natureza, e para eliminar o *xawarari* (epidemia), é preciso apagar seu rastro que são de outra gente, mas é difícil tirá-lo pois não pertence à floresta. Os *xapiris* (espíritos) precisam se fortalecer com as plantas da floresta de cura depois deve-se banhar na água para curar-se da febre. A imagem abaixo é uma obra de Davi onde ele reafirma na pintura sua mensagem utilizando a linguagem universal da arte para que suas palavras no texto visual sejam legíveis.



Figura 3: Desenhos de Davi Kopenawa (Coleção B. Albert).

POVO DESSANA

Desana, ou Umukomahsã é uma comunidade indígena que habita a região do Alto Rio Negro no Amazonas. São aproximadamente mil pessoas, distribuídas em 50 comunidades espalhadas pelos rios Tiquié e Papuri liderados pelo artista xamã Feliciano Pimentel Lana, (im memoria vítima do covid-19 12/05/2020)

São sedentários ribeirinhos, que vivem essencialmente da horticultura da mandioca amarga utilizando-a no sistema de coivara e pesca, complementado pela caça e pela coleta de frutas e insetos, esses dois povos apresentam certas diferenças no plano sociocultural

assim como na maneira de conceber a doença e seu tratamento.

Segundo Lana (1995) na obra *Antes O Mundo Não Existia, Mitologia dos antigos Desana-Kêhripõrã*.

No princípio o mundo não existia. As trevas cobriam tudo. Enquanto não havia nada, apareceu uma mulher por si mesma. Isso aconteceu no meio das trevas. Ela apareceu sustentandose sobre o seu banco de quartzo branco. Enquanto estava aparecendo, ela cobriu-se com seus enfeites e fez como um quarto. Esse quarto chama-se Bhtãboho taribu, o “Quarto de Quartzo Branco”. Ela se chamava Yebá Buró, a “Avó do Munqo” ou, também “Avó da Terra” (LANA, 1995, p.19).



Figura 4: Sentada no seu banco cerimonial e fumando um cigarro na forquilha porta-cigarros, Yebá Bliró, faz surgir da fumaça um novo ser, o Bmlikosurãpanami. Criador da luz, das camadas do universo e da humanidade.

O presente estudo apresenta uma comparação das ilustrações do mito de origem do universo, elaboradas por Feliciano e seu filho Luis Lana.



Figura 5: Feliciano Lana. Doente com varíola. 1998. Pintura em guache. Coleção D. Buchillet.

O destino do espírito do pajé (y.e) era diferente daquele do *kumu*. O pajé era um homem que dominava a doença com o seu poder. O *kumu*, porém, era um sacerdote que administrava as cerimônias com seu poder. A origem do poder do pajé está na Wihōwi'i, isto é, na Maloca de Paricá. Por isso, quando morria um pajé, o kumu mandava o seu espírito para essa maloca. Esta maloca é de pajelança, por isso o pajé voltava com o seu espírito para ela.

De acordo com os estudos pautados na etnografia de Berta Ribeiro (2013) o povo Desêna possui poética e oralidade aplicada ao texto visual que tem trajetórias distintas. Para Pesavento (2008) as “Narrativas, imagens e práticas sociais” são aspectos da natureza, e estas se a assuntos do universo mítico-ritual do clã Desana-Kehiriporã.

Francois Hartog (1999) salienta que, o método seria da descrição dos processos narrativos enquanto o relato estaria associado a prática etnográfica. Para o indígena ser artista é algo que está atrelado ao modo como este enxerga algo que está fora de seu próprio contexto. Lana (1995) define os artistas indígenas como: indivíduos pertencentes a determinado universo cultural e histórico. E como tais devem ser entendidos e apreciados. Isso não significa que sua arte seja “hermética e imiscível”.

Para Antonio Carlos Diegues em *O Mito Moderno Da Natureza Intocada*, a diversidade cultural envolve uma relação de aproximação entre recursos naturais, tecnologias patrimoniais, simbologias, mitos e a linguagem sobre a humanidade-natureza (DIEGUES, 1994, p. 8).

Os Desana denominam a palavra doença como *umuko pūrîrî* (dor do universo em uma tradução literal), e distinguem-nas em duas classes: *dipari maharã doreri* (literalmente

“doenças dos moradores das cabeceiras dos rios”) e *pea masá behari* (“doenças da gente do fogo” em tradução adaptada).



Figura 6: Feliciano Lana. Doente com sarampo. 1998. Pintura em guache. Coleção D. Buchillet.

POVO KAINGANG

A narrativas históricas acerca da trajetória dos povos das Américas descrevem que a sociedade foi construída em um processo civilizatório o qual todos nós estivemos envolvidos (ELIAS, 1990, p. 73). De acordo com Sergio Batista da Silva (2001), os antepassados dos Kaingang surgiram a cerca de três mil anos A.C., eles sistematizaram o seu conhecimento de animais, plantas, minerais que se localizavam nesse território para usufruir destes. Eles atribuíram um sentido ao cosmos (Lévi-Strauss, 1989; Silva, 2001; Tommasino, 1995). A partir do modelo etnológico sabe-se que os Kaingang — diferente da condição dos Kayapó e dos Bororo que moram em aldeias circulares e semicirculares — são pertencentes às metades kame e kanhru que não vivem especialmente separados nas terras indígenas.

As línguas usadas por esse povo naquele período era o dialeto Timbira que são os canelas (*Krinkatis*, *Pukobyê*, *Kranjê*, *Gavião E Krahô*) e o dialeto da língua Kayapó (*Kubenkranken*, *Kubenkañoti*, *Mekroñoti*, *Kokraimoro*, *Gorotire*, *Xikrin* e *Txukahamãe*). Este idioma surgiu em um período entre 1 ou 2 mil anos atrás (Urban, 1992, p. 90).



Figura 7: José de Miranda. Conquista dos Campos de Guarapuava. Século



Figura 8: Ellitoh. O bom (manso) e mau (arredios). 1980.

Jaime Stockmann (2001) em *Colonização e integração kaingang na sociedade paranaense* apresenta José Bonifácio como defensor da integração do índio à sociedade durante o Brasil Colônia.

José Bonifácio foi um dos principais defensores da integração do índio à sociedade nacional no início do século XIX, preconizando o método da domesticação para que pudessem ser felizes. Esse método de domesticação, segundo a percepção da época, era necessário porque os índios eram considerados agressivos, vagabundos, selvagens e não tinham os princípios religiosos para lhes refrear os ímpetos. José Bonifácio via nessa integração uma ação negativa se não respeitasse os modos de vida dos índios e se o colonizador não mudasse os seus métodos de civilização (STOCKMANN, 2001 *apud* MATHIAS, 1979, p. 41).



Figura 9: José de Miranda. Kaingang do século XVIII. 1772. Aquarela.

A dispersão do povo macro-jê que desceram as planícies abertas e de campos denominadas: Coroado, Coronado, Gualacho e Caagua, definiram a partir do século XVIII os grupos Kaingang.

A resistência deste povo demonstra o índio como um sujeito construtor de sua história, alguém que se contrapõe aos ideais de avanço do colonizador, como consequência um ser ativo no processo dos principais acontecimentos do Paraná Provincial. As relações de aliança e aceitação entre os brancos para com este povo sempre se mostraram como tentativas frustradas, por conta da penetração portuguesa em território Kaingang em 1812. O ano de 1843 é marcado como o período de conflito mais intenso, pois representa uma época de forte resistência do discurso dos nativos, o que culminava em ações de combate (MOTA, 1994, p. 93-182-183).

O aspecto xamânico dos Kaingang busca o tratamento das relações transitórias da espiritualidade envolvendo a visão de mundo dos kujà, abarcando tradição e religião por meio do contato interétnico (Crépeau, 1997; Almeida, 2004; Rosa, 2014). Segundo este povo, as minas que nascem em territórios indígenas têm poder de cura, é dito que esta água é sagrada, além disso, definem a relação clânica entre os Kames e Kairus (SANTOS, 1970).

Crépeau (1997) definem em suas pesquisas que para os Kaingang o xamanismo e tudo que o envolve: os rituais, os kujàs, a concepção para os kaingang de sociedade x natureza x sobre natureza, as curas e os mundos de acordo com sonhos *vênh péti* é o alicerce de sua vida.



Figura 10: Obra de Luciana Vângri Kaingang.

OS REMÉDIOS KAINGANG

Carlos Almir Gojje Goitoto é Kaingang e aborda sobre a importância de se resgatar e registrar os conhecimentos relativos à medicina tradicional Kaingang, *vênh kagta* – ‘remédios do mato’. Silva (2001) traz um relato de Francisco Arokÿ dos Santos acerca disso.

O sonho, ou a visão, como é denominada pelos *Kaingang*, é a manifestação do *iangrê*: A minha visão, que deu pra mim, foi assim, ó: quando eu táva lá no patrão, trabalhando lá uma semana. Me deu aquela visão, sonho, né? Táva Nossa Senhora junto, com aqueles homens de vestido branco, né? Que era em cima de uma água, com onda. Estavam aquelas pessoas unidas, ajuntadas em cima daquela água. Esse sonho sempre, né? Sempre aparece pra mim. Agora, de vez em quando, me aparece pra mim, essas pessoas no sonho. Elas usam esses cadernos, livros, assim, e lêem pra mim, no sonho. Eles contam pra mim que é oração boa.

Conforme Albino *Ming iáfá*. Na visão de Albino, seu *iangrô* (forma masculina para *iangrê*) aparece inicialmente, de longe, como um *kômbê* (veado macho). Quando ele se aproxima para conversar, se transforma em Nossa Senhora, provavelmente para ele (Albino) não se assustar (SILVA, 2001, p. 126).

O discurso que conceitua saúde para os Kaingang destaca que o processo de dispersão do povo e a ruptura de cercamento simbólico, propostas de aldeamentos, ou seja, ficar limitado a um determinado espaço geográfico corrobora para a não propagação de doenças.

No contato com os colonizadores sofreram com a mortalidade provocada pelas doenças transmitidas pelos europeus. Dados apontam (Mota, 1994) que as doenças provocaram mais mortes que os conflitos de terras nestes 520 anos de contato.

Pareyson (1997. p. 32) afirma que a arte “(...) é um fazer que, enquanto faz, inventa

o por fazer e o modo de fazer (...)”, portanto, não seria admissível saber previamente o que será feito, antes da produção concretizar-se.

Percebe-se que o estabelecimento de um modelo hermético contradiz a especificidade da arte enquanto campo de pesquisa, ou seja, a pesquisa em arte, detentora de processos de invenção, descobrimento, produção e criação, ao criar algo que não existia, reivindica para si novos parâmetros de avaliação (FERREIRA, 2004, p.15).

Sair dos padrões rígidos, criar algo novo segundo Viana (2010) e romper os modelos imaginários de preconceitos sacralizados historicamente é necessário para o surgimento de novas ideias.

(...) a poética diz respeito à obra por fazer e a crítica à obra feita: a primeira tem a tarefa de regular a produção da arte, e a crítica de avaliar a obra de arte. (...) A poética é um programa de arte, declarado num manifesto, numa retórica ou mesmo implícito no próprio exercício da atividade artística; ela traduz em termos normativos e operativos um determinado gosto, que, por sua vez, é toda a espiritualidade de uma pessoa ou de uma época projetada no campo da arte (PAREYSON, 2001, p.10-11).

CONSIDERAÇÕES

As análises acerca das doenças e respectivas concepções de cura evidenciam mais semelhanças do que diferenças entre as produções culturais Yanomami, Desana e Kaingang, pautadas exclusivamente no tema da alteridade, elemento fundamental nas relações políticas de diversos grupos indígenas.

Na história da arte colonial Quijano (1990), aborda que a produção cultural indígena deve ser inserida de maneira efetiva, aprofundando as reflexões sobre as aproximações e distanciamentos pertinentes a sistemas culturais distintos.

Se trata de la perspectiva cognitiva producida en el largo tiempo del conjunto del mundo eurocentrado del capitalismo colonial/moderno, y que naturaliza la experiencia de las gentes en este patrón de poder. Esto es, la hace percibir como natural, en consecuencia, como dada, no susceptible de ser cuestionada (QUIJANO, 1990, p 287).

De acordo com esse apontamento, a doença é um evento tipicamente relacional, ou seja, o produto de interações conflitivas travadas entre pessoas oriundas de diversos planos da existência, humana ou não-humana.

Para os indígenas a narrativa do invisível aponta na oralidade o conhecimento histórico dos povos do norte e do sul do Brasil, criando uma ponte interétnica de relação de saberes dos povos: Yanomami, Desana e Kaingang. Sendo assim, as visões do mundo estereotipada e euro centrista dos artistas ocidentais e suas interpretações do invisível, criam a partir de suas construções narrativas dois modelos de sociedade.

A atual pandemia trouxe muita dor para nossa nação, é preciso refletirmos acerca da

vulnerabilidade que os indígenas sofrem, povo este que se encontra em grande condição de risco.

Sendo assim, devemos desenvolver uma historiografia que quebre as barreiras negativas presentes nas fronteiras interétnicas existentes para o surgimento de um cenário que valorize a arte e saúde do povo indígena.

REFERÊNCIAS

ALBERT, B. **O ouro canibal e a queda do céu**: uma crítica xamânica da economia política da natureza. Brasília: UnB, 1995. (Série Antropológica, 174).

ALBUQUERQUE, J.; DURVAL, M. **História: a arte de inventar o passado**: ensaios de teoria da história. Bauru: Edusc, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

CRÉPEAU, Robert R. **Mito e ritual entre os índios Kaingang do Brasil meridional**. 1997. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71831997000200009>>

DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: NUPAUB/USP, 1994.

FARAGE, Nádia. **Lauda Antropológico requisitado pela justiça Federal** – Seção Roraima, 1999.

HARTOG, F. **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro**. Trad. Jacynto Lins Brandão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LANA, F. A. (Umusi Pãrokumu); LANA, L. G. (Tõrãmu Kehíri). **Antes o mundo não existia**: mitologia dos antigos Desana-Kehiripõã. São João Batista: Unirt; São Gabriel da Cachoeira: Foirn, 1995. (Coleção Narradores Indígenas do Rio Negro, v. 1)

STOCKMANN, Jaime. **Colonização e integração kaingang na sociedade paranaense**. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/novembro2011/geografia_artigos/7art_c_olonizacao_kaingang_pr.pdf>

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. **A arte de curar nos tempos da colônia**: limites e espaços da cura. – 3ª ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2017.

MOTTA, L.T. **A guerra dos índios Kaingang**: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1969-1924). Maringá: ed. da Universidade Estadual de Maringá (UEM), 1994.

NORBERT, Elias. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1990.

OVERING, J. **A estética da produção: o senso de comunidade entre os Cubeo e os Piaroa**. Revista de Antropologia, nº 34, 1991.

PETER, Burke. **A arte da conversação**. São Paulo: UNESP, 1995.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social, Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, 1992.

QUIJANO, A. **Estética de la utopía**. Hueso Húmero. Lima, 1990.

RIBEIRO, Berta Gleizer. **O índio na cultura brasileira**. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013.

ROSA, R. R. G. **Religiões e religiosidades no Rio Grande do Sul**: manifestações da religiosidade indígena. São Paulo: ANPUH, 2014.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

SANTOS, Sílvio C. dos. **A integração do índio na sociedade regional**: a função dos povos indígenas. Florianópolis: UFSC, 1970.

SANTOS, Tadeu dos. **Arte, identidade e transformações na cestaria Kaingang da Terra Indígena Ivaí, no contexto de fricção interétnica**. (dissertação de mestrado) UEM- Maringá 2018, p. 237. Disponível em: <<http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/5347>>.

SILVA, Sergio Baptista. Da - **Etnoarqueologia dos Grafismos Kaingang**: um modelo para A compreensão das sociedades Proto-Jê meridionais. Tese de doutorado apresentada ao PPGAS da FFLCH da USP, São Paulo, 2001.

TOMMASINO, KIMYIE. **A história dos Kaingang da bacia do Tibagi**: uma sociedade Jê meridional em movimento. Tese de Doutorado. São Paulo: USP. 1995.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Lisboa: Edições 70, 1983.

VIDAL, Lux Boelitz. **Grafismo Indígenas**: Estudos de Antropologia Estética. 1992.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abolicionismo 35

Alcides Cruz 105, 106, 107, 108, 109, 110, 113, 114, 115

América Latina 11, 12, 13, 14, 19, 20, 22, 25, 46, 47, 48, 49, 51, 55, 57

Análise de Redes Sociais 92

Arte Cemiterial 1, 4, 5, 6, 8

Artista Xamã 74, 82

C

Castro Alves 116, 117, 118, 119, 120, 122, 127, 128

Cidade de Bauru 1, 2, 3, 4, 5, 9, 10

Cidades 2, 4, 5, 8, 10, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 31, 32, 34, 43, 60, 61, 113

Compadrio 92, 93, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

CONTUA 11, 12, 13, 14, 18, 20, 21

Coronelismo 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73

COVID-19 2, 6, 74, 75, 76, 77, 79, 82

Crítica pós-colonial 116

D

Direito urbanístico 105, 115

E

Escravidão 38, 40, 42, 43, 44, 92, 104, 118, 119, 120, 121, 122

Espaço urbano 9, 22, 33, 34, 113

F

FASUBRA 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21

G

Geografia religiosa 22

Golpe de 1964 46, 47

H

Hierarquias sociais 92

História 2, 3, 4, 6, 8, 9, 10, 22, 23, 24, 26, 34, 35, 40, 45, 49, 56, 57, 62, 63, 64, 67, 71, 72, 74, 77, 78, 79, 81, 87, 89, 90, 91, 92, 104, 105, 106, 114, 115, 117, 123, 126, 127, 129

História do direito 105, 106, 114, 115

Historiografia 74, 77, 80, 90, 97

I

Imperialismo 46, 47, 52, 55, 56

Intervenção 13, 16, 26, 49, 105, 106, 107, 109, 112, 113, 114

M

Maçonaria 35, 36, 37, 40, 41, 43, 44, 45

Monte Azul 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73

N

Narrativa 43, 52, 59, 61, 62, 63, 64, 74, 78, 80, 81, 89

Neogolpe de 2016 46, 47, 50, 55

P

Patrimônio cultural 1, 2, 3, 9, 10

Pesquisa narrativa 59, 62, 63, 64

Poesia 116, 117, 118, 119, 122, 123, 124, 127, 128

Polícia 43, 63, 65, 69, 71, 105, 106, 107, 110, 111, 112, 113, 114, 115

R

Republicanismo 35

Resistência 12, 18, 38, 50, 64, 87, 114, 116, 117, 119, 123, 124, 127, 128

S

Sindicatos 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20

Slam 116, 117, 118, 122, 123, 124, 127, 128

T

Trabalhadores 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 37, 38, 43, 44, 55, 61

Trajetória 9, 35, 48, 60, 62, 64, 85

Turismo 22, 28, 29, 30, 34

U

Universidades 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21

V



Vilas 22, 27

Historia:

Espaços,
poder,
cultura e
sociedade

2



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br






Ano 2021

Historia:

Espaços,
poder,
cultura e
sociedade

2



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2021